

O circuito do império

Oito artistas portugueses interpelam quatro espaços museológicos em Belém

TEXTO CELSO MARTINS

Dar um passeio pela zona de Belém é esbarrar a todo o momento com símbolos mais ou menos grandiloquentes da nacionalidade, como o Mosteiro dos Jerónimos, a antiga Praça do Império ou o Padrão dos Descobrimentos. Mas é também nesse bairro que estão algumas das instituições nas quais, no passado, se quis fazer confluír a celebrada grandeza do império com um interesse pelo conhecimento e pela ciência. O Museu Nacional de Etnologia, o Jardim Botânico Tropical, o Museu de Marinha e o Planetário Calouste Gulbenkian possuem em comum essa condição e, em maior ou menor grau, refletem o lugar que então, direta ou indiretamente, se atribuía à ciência num contexto colonial. Na sua maioria, hoje não serão

lugares particularmente concorridos mas visitá-los é ir ao encontro de verdadeiros reservatórios de memórias, símbolos, marcas ideológicas, e das visões do mundo que determinaram a história recente do país.

É neste quadrilátero institucional que agora pode ser vista a exposição “Estudos do Labirinto” que convoca oito artistas contemporâneos para um conjunto de diálogos, com intervenções duplas em cada um dos espaços.

O projeto curatorial de Cláudia Ramos, que tem como ponto de partida um conjunto de residências artísticas, não é, porém, uma proposta de desconstrução pós-colonial do império a partir das suas instituições, ainda que as relações entre ciência, ideologia, cultura

e arte estejam inevitavelmente presentes nesse encontro. Sujeitar esses lugares à contaminação da arte contemporânea é, sobretudo, fazer coincidir diferentes paradigmas de pensamento, é expor passado e presente, ciência e arte a uma confrontação mútua de vocações potencialmente transfiguradora. Porque o que estas intervenções despoletam são pequenas desafinações, subtis derivas de sentido nos contextos em que se infiltram, impondo a ambiguidade e pluridimensionalidade semântica e simbólica da arte a espaços com um perfil predeterminado e há décadas cristalizado.

Começando pelo ponto mais alto e descendo em direção ao rio num percurso que se faz a pé, encontramos no Museu de Etnologia os trabalhos de Teresa Carepo e Francisco Tropa. Colocados em diálogo numa mesma sala, têm em comum o facto de serem esculturas compostas que parecem engendrar uma falsa ou poética antropologia. Teresa une elementos e objetos com um sentido ritualístico e teatral. Ferro, vidro, madeira, água surgem associados frequentemente à maleabilidade da parafina gerando imagens que fazem referência a objetos domésticos (panos, conchas, frascos) e necessidades essenciais e universais do ser humano como comer ou beber ou atitudes de dádiva e de conforto.

Já Tropa mostra um pequeno exército de “Polícias”, figuras vagamente antropomórficas que combinam o que parecem derivações de capacetes militares em cerâmica e folhas de eucalipto pintadas. Estas obras relacionam-se potencialmente com as de Carepo, como se de uma cenografia e seus personagens se tratasse, mas algumas, sintomaticamente, também podem encontrar-se junto a grandes máscaras índias brasileiras nas reservas do museu num diálogo oblíquo entre uma tradição etnográfica e a contemporaneidade da escultura que desarruma os códigos de receção cultural. Esta é talvez a dimensão mais feliz da exposição, uma capacidade de desorganizar mundos estanques entre si e voltamos a encontrá-la no Museu de Marinha. É ali que,

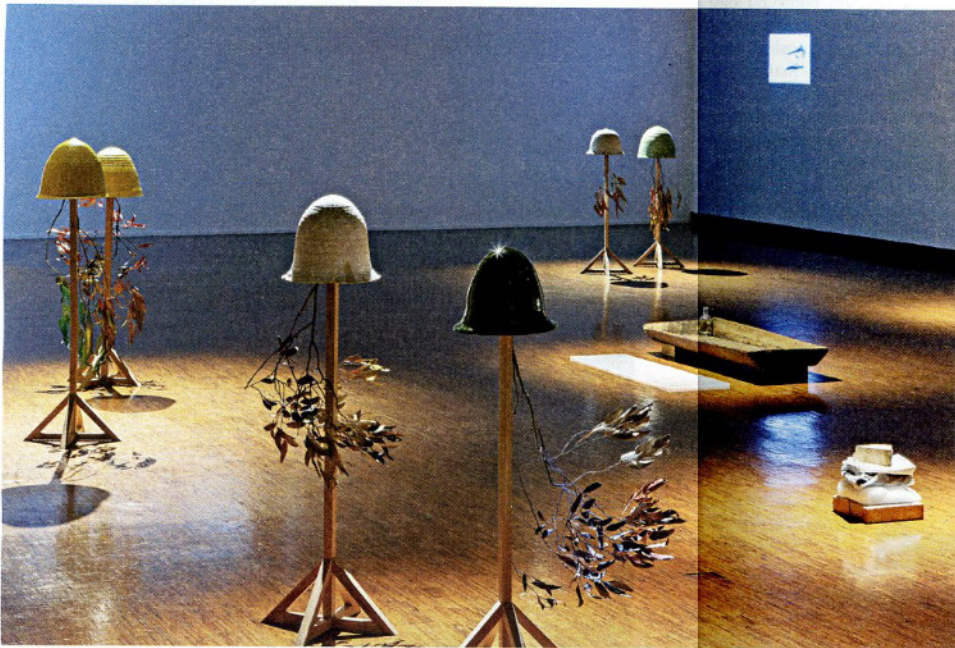
depois de percorrermos salas onde se mostram miniaturas das velhas glórias navais portuguesas, descobrimos as intervenções de Ana Santos e Belén Uriel. Cada uma apresenta um grupo de esculturas que convocam formas que sendo evocativas não são imediatamente reconhecíveis. Ana Santos criou estruturas compostas e tubulares em aço associadas a fios de poliéster que sugerem quedas líquidas, vagamente aproximáveis a configurações navais. Uriel recorre ao molde de vidro produzindo formas coloridas e translúcidas assentes em estruturas de ferro. Há em ambas uma alegria colorida, uma celebração do banal e do quotidiano e, ao mesmo tempo, uma indefinição formal que contrasta imediatamente com a ordenação de tudo o resto.

Mais autónomas entre si são as intervenções de Armanda Duarte e Nuno Vicente no Jardim Botânico. Subtil como sempre, a primeira criou uma portada dupla em madeira de bétula para a janela do espaço que ocupou durante a residência mas, como a ficha técnica revela, a peça inclui ainda “o ar, a sombra, uma mosca e um pequeno pássaro”, resultando na evocação de uma experiência pessoal. O projeto de Nuno Vicente tem um recorte claramente utópico e comunitário. “Escultura para o fim do verão” é uma elegante estrutura metálica verde que a vegetação do jardim recebe amigavelmente e que celebrará a chuva no final da estação. Foi o projeto eleito de entre vários estudos que Vicente realizou de peças que visam revitalizar a relação com a natureza no jardim e que estão disponíveis em documento visual. Por fim, a intervenção na cúpula do Planetário Calouste Gulbenkian de João Maria Gusmão e Pedro Paiva reconduz-nos ao interesse da dupla pelas tecnologias anacrônicas. Aqui usam um sistema que altera os projetores e anima imagens estáticas, que ora são abstrações coloridas ora imagens insólitas associadas aos elementos num misto de simplicidade e liturgia psicadélica contaminada por um lugar que, à sua maneira, é já uma câmara de maravilhas na forma de mostruário cósmico. Tendencialmente cirúrgicas, as diferentes intervenções alteram presenças e produzem deslocamentos que não abalam imediatamente a natureza dos espaços, antes favorecem um movimento vivo e outro olhar sobre o que neles habita. ●

★★★★★

ESTUDOS DO LABIRINTO

Jardim Botânico Tropical, Museu Nacional de Etnologia, Museu de Marinha e Planetário Calouste Gulbenkian, Lisboa, até 16 de setembro



Esculturas de Teresa Carepo e Francisco Tropa no Museu Nacional de Etnologia, incluídas da exposição “Estudos do Labirinto” que se espalha por quatro espaços em Belém